

MEMÓRIAS DE ADRIANO (EXCERTO)

Marguerite Yourcennar

MEMOIRES D'HADRIAN, 1951

Varius multiplex multiformis

Não desprezo os homens. Se o fizesse não teria qualquer direito ou razão para os tentar governar. Sei que são vãos, ignorantes, ávidos, inquietos, capazes de quase tudo para vencerem, nem que seja aos seus próprios olhos ou, muito simplesmente, para evitarem o sofrimento. Sei disso: por vezes sou como eles ou poderia tê-lo sido. Entre os outros e eu as diferenças são pouco significativas. Esforço-me, assim, para que a minha atitude esteja tão distanciada da fria superioridade do filósofo como da arrogância de César. Até o mais primário dos homens tem o seu rasgo de luz: este assassino toca muito bem flauta; este contramestre que flagela os escravos pode ser um bom filho; este idiota partilharia comigo o seu último pedaço de pão. E há poucos a quem não se possa ensinar algo convenientemente. O nosso grande erro é procurar obter de cada um em particular as virtudes que ele não tem, não cultivando as que possui. Aplicarei aqui, na procura destas virtudes fragmentárias, aquilo que acima dizia, voluptuosamente, da procura da beleza. Conheci seres infinitamente mais nobres, mais perfeitos que eu próprio, como teu pai Antonino; convivi com muitos heróis e mesmo alguns sábios. Na maior parte dos homens encontrei pouca consistência no bem, mas também pouca no mal; a sua desconfiança, a sua indiferença mais ou menos hostil, cedia quase que depressa de mais, quase vergonhosamente, transformava-se quase com demasiada facilidade em gratidão, em respeito, aliás, sem dúvida, igualmente pouco duráveis; mesmo o seu egoísmo poderia ser direccionado para fins mais úteis. Admiro-me sempre que tão poucos me tenham odiado; não tive mais que dois ou três inimigos acérrimos de cuja inimizade era, como sempre, em parte responsável. Alguns amaram-me: esses deram-me mais do que aquilo que tinha direito de exigir ou mesmo esperar deles, a sua morte, por vezes, a sua vida. E o Deus que trazem em si frequentemente revela-se logo que morrem.

Só me sinto superior ao comum dos homens, num único ponto: sou simultaneamente mais livre e mais submisso do que alguns deles ousam ser. Quase todos desconhecem, igualmente, a sua justa liberdade e a sua verdadeira servidão. Amaldiçoam as suas amarras e, por vezes, parecem gabar-se disso. Por outro lado, desperdiçam tempo em futilidades vãs; não sabem tecer para si próprios a mais leve submissão. Por mim, procurei mais a liberdade do que o

poder, e o poder unicamente porque, em parte, favorecia a liberdade. O que me interessava não era uma filosofia de homem livre (todos aqueles que a procuram me aborreceram) mas uma técnica: queria encontrar o ponto de articulação onde a nossa vontade se liga ao destino, onde a disciplina secunda, em vez de refrear a natureza. Compreende bem que não se trata aqui da dura vontade do estóico, de quem exageras o poder, nem de não sei que escolha ou recusa abstracta que insulta as condições do nosso mundo pleno, contínuo, formado de objectos e de corpos. Sonhei com uma mais secreta aquiescência ou com alguma mais suave boa vontade. A vida era para mim como um cavalo, a cujos movimentos nos unimos mas depois de o ter treinado, na sua melhor forma. Em conclusão, sendo tudo uma decisão do espírito, mas lenta, mas insensível, e que leva também à adesão do corpo, esforço-me por atingir gradualmente este estado de liberdade ou de submissão, quase puro.

*Trad. de Luísa Coelho e Inês Ferreira Dias*¹

¹ Alunas do seminário de Análise Crítica da Tradução – Língua Francesa, integrado na Licenciatura Bietápica em Línguas e Secretariado – Ramo de Tradução e Interpretação Especializadas.